

de Sol a Sol

o natal dos pobres

Uma vez em cada doze meses, piedosamente, certas pessoas abastadas lembram-se que não pareceria bem haver fome em muitos lares, no dia em que se festeja o nascimento de Jesus Cristo. E' com as lembranças dessas pessoas que as subscrições feitas pelos jornais atingem 5 a 10 mil escudos. Não se pode comparar, evidentemente, ao êxito dos cento e tal contos para o monumento das «mães portuguesas agradecidas» a Chamberlain, mas já não é mau...

filosofia oficial

A Alemanha, país que teve filósofos notabilíssimos, como Kant, Hegel, Leibniz e tantos outros, tem agora um filósofo oficial—Rosenberg, cujo sistema filosófico é extraordinário, pelo menos quanto a conclusões. Pertence-lhe esta afirmação: «Deus é alemão».

Espantoso! Por que processos teria o filósofo chegado a tão «audaciosa» conclusão?

E' possível que Rosenberg, como filósofo oficial do grande Reich, queira guardar segredo profissional. Contudo, depois de ter revelado a nacionalidade de Deus, podia satisfazer-nos a curiosidade revelando também a data de nascimento, a localidade, o nome dos pais; enfim—completar a biografia...

Mas Rosenberg não é único nestas afirmações extraordinárias. Outro filósofo alemão (naturalmente do mesmo género) disse o seguinte: «Deus queria fazer a Alemanha e fez o mundo. Cumpre-nos a nós, alemães, desfazer êste erro de Deus».

Fantástico... e... actual.

la donna e mobile

A questão religiosa na Alemanha está na ordem do dia. A Igreja tal qual uma amante beliscada no seu amor-próprio, repudia o totalitarismo e pela boca dos seus servidões afirma a existência duma divergência estrutural, divergência a que de resto até agora tão complacentemente fechara os olhos.

Curiosa se torna a comparação entre esta atitude e a anterior, bem recente ainda, absolutamente oposta, quando pela boca dos mesmos homens

com as mesmas doses de violência e de sinceridade, que agora são insufladas nos seus discursos, foi reprovada a atitude do povo vasco.

E contudo foi êste povo de indiscutíveis católicos, que primeiro teve a sublime coragem de afirmar essa incompatibilidade com o único argumento que nesta época de falsidade internacional verdadeiramente vale—o da própria vida.

monoteísmo e politeísmo

Sobre êste problema, transcrevemos a seguinte e curiosa opinião de Aldous Huxley, o famoso escritor inglês, autor do «Contra-ponto»:

«Eu acredito num só Deus», afirma o que frequenta a igreja; e a maior parte dos homens bem-pensantes estaria pronta a responder o mesmo, se lhe perguntássemos em que é que acredita. Num só Deus. Mas porque não em sessenta e quatro ou em duzentos e sessenta deuses? Porque o monoteísmo está na moda na Europa do século XX. Se assim não acontecesse, toda a gente bem-pensante, é óbvio, afirmaria a sua crença em sessenta e quatro ou em duzentos e sessenta ou qualquer outro número de Deuses que acontecesse ser prescrito pelas autoridades competentes. Um homem bem-pensante pensa como todos os outros homens bem-pensantes—seu tempo—que o mesmo é dizer, em muitos casos, como qualquer homem mal-pensante de outro tempo. O Sr. Jones crê num só Deus, porque o Sr. Smith crê num só Deus e, incidentalmente, porque há bom número de séculos Platão e numerosos judeus, incluindo Jesus, acreditavam num só Deus.»

o acaso

Como toda a gente leu nos jornais, as funestas consequências do horrível desastre que se deu no Tejo, há dias,

foram: quatro mortos, 12 desaparecidos e vinte feridos.

Já «O Diabo», num eco justo, chamou a atenção para a tendência que há em atribuir tudo «à pouca sorte», «ao acaso», como se não houvesse responsabilidades em desastres como êste (e, como muito bem lembra o autor do citado eco, no de Coimbra e nos que, com uma frequência aflitiva, têm acontecido nas passagens de nível). E pergunta: quando acabarão os acasos? Quando se atentar definitivamente e implacavelmente na responsabilidade profissional?

São estas perguntas que nós repetimos, certos de que são elas que atormentam as pessoas honestas.

simples advertência

O sr. dr. Adolfo Casais Monteiro, que já destas mesmas colunas chamou a atenção de alguém de muito prestígio e de muito saber para o tom dos seus artigos, não deve admirar-se que outrem lhe faça o mesmo. Na verdade, o distinto polígrafo está usando, nas suas críticas, duma agressividade e duma arrogância tais, que se afigura querer cortar relações com todas as pessoas que não estejam de acordo com êle, ou antes, com quem não acompanhe a verticalidade dos seus juízos críticos. Senão, veja-se: no n.º 2 da «Revista de Portugal», Casais Monteiro referindo-se a uma peça de António Bôto, nega-lhe todo e qualquer valor (não tem por onde se lhe pegue, afirma textualmente o crítico), chegando, perante tão cabal prova de insuficiência literária, a apreciar a hipótese da nossa admiração por elas (as obras anteriores do autor) ter resultado dum equívoco. Não temos dúvida em acreditar que é má a produção teatral do insigne vate das «Canções» (a crítica foi duma admirável unidade de vistas, e nós não lemos nem vimos a peça).

Mas eis que António Bôto escreve novo livro de poesias em que, ao que parece recupera os melhores momentos do seu estro, ultimamente já tão raros, segundo o testemunho dos seus próprios amigos. E na crítica que a êsse livro faz na mesma revista, C. M. não está com meias medidas. Todos os que não compreendam a obra de A. B. como êle são acoimados de covardia, dignos de uma infinita piedade, ridículos na sua ufania, D. Quixotes duma pretensa moral literária, escabichadores de saguões, caldeirinhos, etc., etc.

Parece-nos que a verdade interior do crítico, para se impor, deve ser indiferente às pressões exteriores. Não é zangando-se com toda a gente que não esteja de acordo com êle (quando é, afinal, que devemos estar de acordo com C. M.?) que o crítico impõe os seus pontos de vista.

Ora nós gostamos dos versos de Bôto (não de todos), e na apreciação do que há de belo na sua poesia não levamos em conta certas faltas de escrupulo nem a meia dúzia de plágios (só?) de que o seu generoso crítico faz estendal, misturando êle próprio lamentavelmente as qualidades do poeta com os defeitos do homem na boa intenção de nos mostrar que isso é uma grandíssima pouca vergonha que ninguém tem o direito de fazer. Gostamos em certa medida da poesia de Bôto, é certo; mas concebemos perfeitissimamente que haja quem não goste. Um fino espirito de poeta e crítico, Carlos Amaro, declarou já publicamente a sua incompreensão ante a obra em referência. Também o sr. Carlos Amaro será um D. Quixote, um escabichador de saguões, um catãozinho, etc.? E terá o gosto estético de A. C. M. prerrogativas especiais, que o levem a determinar as leis geradoras do gosto estético alheio? E sanções? Também se estabelecem sanções? A quem não gostar da poesia de Bôto o que acontece?

Veja A. C. M. que está sendo pouco razoável. Concedemos que êle seja um paradoxo vivo, criador duma poesia a que não será descabido chamar-se filosófica e social, e pugnando, nos seus artigos, por uma poesia pura que não se sabe ao certo o que venha a ser. Mas deixe-nos gostar ou não gostar daquilo que nos der na gana. E se reagir perante esta nossa simples advertência, não macule a sua prosa com nomes feios, deixe-a pairar, se possível, ao mesmo nível da sua poesia. Não vista o hábito de Frei Tomaz...

SOL nascente

a revista cultural do pensamento jovem

Publica-se a um e quinze de cada mês
Mínimo de assinatura: 5 números, 5 escudos
(Pagamento adiantado)

Visado pela Comissão de Censura

